



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO  
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

**LUCIANA GONÇALVES DURAND**

**REVISITANDO O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

**CAMPINA GRANDE**

**2015**

**LUCIANA GONÇALVES DURAND**

**REVISITANDO O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Ma. Marilene Dantas Vigolvinho

**CAMPINA GRANDE**

**2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D948r Durand, Luciana Gonçalves  
Revisitando o bullying no contexto escolar [manuscrito] /  
Luciana Gonçalves Durand. - 2015.  
27 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura  
em Pedagogia do PARFOR EAD) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvino,  
Secretaria de Educação à Distância".

1.Violência. 2.Bullying. 3.Escola. 4.Família. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

LUCIANA GONÇALVES DURAND

REVISITANDO O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 01/08/2015

Nota: 9,5 (nove e meio)

BANCA EXAMINADORA

Marlene Dantas Vigolvin

Profa. Me. Marilene Dantas Vigolvin/ UEPB  
Orientadora

Valdecy Margarida da Silva

Prof.ª. Dra. Valdecy Margarida da Silva/ UEPB  
Examinadora

Silvânia Karla de Farias Lima

Profa. Me. Silvânia Karla Farias de Lima/UEPB  
Examinadora

Rosicleide Henrique da Silva

Profa. Me. Rosicleide Henrique da Silva  
Examinadora Externa

A Deus, pela força que recebo todos os dias, emanada pela fé.

A meus filhos, Lucas Gabriel e Matheus, por estarem presentes  
no percurso da minha vida.

A minha mamãe, por acreditar na minha luta e vontade de crescer.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por permitir que eu concluísse esse trabalho, me auxiliando todos os dias nessa jornada.

A minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Ma. Marilene Dantas Vigolvino que esteve ao meu lado, escutando e me incentivando para o término do TCC, contribuindo para meu crescimento acadêmico.

A todos os professores que passaram na minha vida acadêmica e deixaram sua contribuição de forma direta ou indiretamente.

Às minhas amigas do curso de Pedagogia turma II, que participaram dos momentos mais importantes da minha vida.

## RESUMO

O ser humano sempre exerceu e foi alvo de violência, de tal forma que se tornou um produto derivado de modelos de desenvolvimento, cujas raízes podem ser buscadas na história. Assim, refletir sobre bullying é pensar a pessoa em qualquer momento de sua vida, considerando a organização social da sociedade, da família, da escola, numa tentativa de compreender o lugar dos sujeitos em tais espaços, o modo de vida de cada um, enfim, é pensar suas identidades historicamente. Para a obtenção do objetivo pretendido, realizou-se uma análise reflexiva, que teve como referencial metodológico a pesquisa bibliográfica e contou com a contribuição de teóricos como Fante (2005), Silva (2010), Chalita (2008) Sacristán e Gómez (2003), entre outros, abordando a origem, os sujeitos envolvidos, as formas, manifestações e consequências do *bullying*, e a reflexão acerca do fenômeno praticado no contexto escolar, sistematizando um conhecimento, o qual é indispensável para professores, demais funcionários da escola e a família que direta ou indiretamente lidam com o bullying escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência, Bullying, Escola, Família.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo contextualiza o bullying escolar, um tipo de violência que sempre ocorreu, mas que somente vem sendo estudado de forma mais no Brasil nos últimos anos, provavelmente como consequência de seu crescimento e por também atingir crianças em seus primeiros anos de escolarização. Ocorrendo em escolas públicas e privadas, o bullying vem sendo uma das principais causas do desinteresse dos alunos, quando se torna alvo de colegas que sem motivos aparentes agridem com xingamentos, apelidos, chegando a agressão física que poderá trazer prejuízos irreversíveis para vítima.

Assim, pretende-se nesse artigo compreender a existência e a permanência do fenômeno bullying na escola que, de modo geral, se manifesta por meio de comportamentos agressivos e sem motivos aparentes. Para tanto, se utilizou a análise teórica, cujo referencial metodológico foi a pesquisa bibliográfica e fundamentou-se no pensamento de estudiosos no

assunto como Fante (2005), Silva (2010), Chalita (2008), Sacristán e Gómez (2003), Melo (2010) entre outros a partir da Constituição Federal (1988), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) do Estatuto da Criança (2003). Esses estudos permitiram abordar aspectos importantes como origem, as formas, os sujeitos envolvidos e as consequências psíquicas e comportamentais do bullying, para em seguida proceder-se a análise sistemática acerca do bullying no cotidiano escolar.

Por fim, podemos compreender ser fundamental o aprofundamento teórico sobre o referido fenômeno, visto que esse conhecimento se torna indispensável para professores, funcionários e demais pessoas da escola, como também para a família e para a sociedade, em busca do enfrentamento da forma mais frequente de violência juvenil, que é o *bullying*, uma vez que extrapola os muros da escola.

## **2 O FENÔMENO BULLYING: BREVES CONSIDERAÇÕES**

O bullying vem tomando proporção desenfreada e se constitui hoje numa das principais preocupações da sociedade, em seus diversos setores: social, familiar e escolar. O ser humano sempre exerceu e foi alvo de violência, de tal forma que se tornou um produto derivado de modelos de desenvolvimento, cujas raízes podem ser buscadas na história. Assim, refletir sobre bullying é pensar a pessoa em qualquer momento de sua vida, considerando a organização social da sociedade, da família, da escola, numa tentativa de compreender o lugar dos sujeitos em tais espaços, o modo de vida de cada um, enfim, é pensar suas identidades historicamente.

É oportuno começarmos a entender esse fenômeno chamado bullying e o faremos buscando inicialmente o seu significado no dicionário. Em Aurélio, bullying diz respeito a tudo quanto é percebido pelos sentidos ou pela consciência, fato de natureza moral ou social, o que é raro e surpreendente, algo anormal ou extraordinário. Em outros dicionários encontramos essas definições, as quais fazem a diferença entre bully e bullying. O primeiro significa valentão, tirano, mandão, brigão, enquanto bullying diz respeito a um conjunto de atitudes de violência física ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Para Melo (2010, p. 19) bullying é desejo deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob

tensão, já Gabriel Chalita (2008, p. 14) afirma que é a negação da amizade, e Teixeira (2010, p. 19) conceitua ressaltando que é um comportamento agressivo entre estudantes.

Trazendo esse fenômeno para o campo educacional, Silva (2010, p. 21) define bullying como um comportamento agressivo e complementa afirmando que:

O bullying ainda é pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase “natural,” os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (grifo da autora).

Ou seja, são indivíduos que não têm sensibilidade no trato com as pessoas e procuram sempre humilhar e agir de modo agressivo, de tal modo que o bullying vem se constituindo em um dos maiores problemas, sobretudo urbano, que a sociedade do mundo inteiro vem enfrentando, provavelmente em virtude de seu crescimento avassalador e se legitima pela pura e simples aceitação de sua existência no corpo social.

Daí ser comum se ver algum tipo de agressão a crianças no ambiente da escola, e, geralmente, essa agressão parte dos colegas de turma, com o objetivo de intimidar, constranger e colocar medo, como uma forma de terror na vida dessa vítima. Podemos ressaltar que nesse percurso até a idade adulta, provavelmente a criança enfrentará várias formas de violência sob diversos aspectos, pois não só o bullying, como a violência na escola, que em última instância é um aspecto do bullying, pode se apresentar mesmo de maneira sutil, nas relações entre alunos e professores principalmente quando essa é caracterizada pelo desrespeito e ausência de diálogo.

Por ser a escola uma das instituições da sociedade responsáveis pela formação dos jovens não pode ignorar a manifestação de atitudes violentas/bullying. Este fenômeno, embora seja um problema difícil e complexo, precisa ser enfrentado pela escola, porque é nela que os indivíduos se humanizam quando internalizam os valores e padrões sociais por ela transmitidos. Dessa forma possibilitará a autonomia e a inclusão dos sujeitos no grupo social.

## 2.2 Formas de Bullying

É importante conhecer as formas como se manifestam o bullying, pois como afirmam alguns autores esse fenômeno pode se efetivar de forma direta ou indireta por meio de agressões físicas e psicológicas, sem motivo aparente, de modo depreciativo e ameaçador. Nem sempre as vítimas recebem um tipo de maus tratos, geralmente há comportamentos desrespeitosos por parte dos bullies que costumam vir em “bando” de tal modo que, por vezes, poderá levar a vítima ao isolamento social, induzi-la ao suicídio como também a evasão escolar se as vítimas são crianças, adolescentes e/ou adultos em fase de escolarização. Para alguns autores, este fenômeno acontece de diferentes maneiras, mais frequentemente por meios de agressões físicas e psicológicas, sem motivo justificado, de modo depreciativo e ameaçador levando muitas vezes a vítima ao isolamento social ou até mesmo ao suicídio. Os agressores usam várias formas de atitudes maldosas, o que contribui, não somente para a exclusão da vítima, como também para muitos educandos a evasão escolar e agindo das mais diferentes formas, a exemplo do tipo:

- Verbal que se manifesta por meio de insultos, ofensas, xingamentos, gozações, apelidos pejorativos, piadas ofensivas, zoar etc;
- Físico e material, onde são escondidos os pertences pessoais ou mesmo escolar da vítima, muitas vezes furtando e destruindo, agitando a vítima para que ela tenha reação chegando até a espancar e empurrar.
- Psicológico e moral, onde o bullies humilha e ridiculariza as vítimas, isolando-as do grupo porque intimidados demais para não se aproximarem delas, passando desenhos entre colegas de caráter ofensivo ou bilhetes, fazendo intrigas e fofocas entre os meninos(as).
- Sexual, além do abuso sexual, assédios, como afirma Silva, (2010, p.24) “esse tipo de comportamento desprezível costuma ocorrer entre meninos e meninas, e meninas e meninos”. Não raro o estudante indefeso é assediado e/ou violentado por vários “colegas” ao mesmo tempo, usando o recurso virtual, ou seja, os avanços tecnológicos para influenciarem nesse fenômeno. Com isso surgiram novas formas de bullying sendo utilizados pelos aparelhos de comunicação (celular, internet), espalhando de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de bullying é conhecida como cyberbullying.

As vítimas, segundo Fante, podem ser classificadas como típica, provocadora e agressora. Para o referido autor a vítima típica é:

Aquela que serve de bode expiatório para um grupo (a vítima é um indivíduo ou grupo de indivíduos) geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros. Em muitos casos, relaciona-se melhor com pessoas adultas do que com seus companheiros. A vítima típica sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto físico como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo que pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é “presa fácil” para os seus abusos (FANTE, 2005, p.71).

Diferentemente é a vítima provocadora, como o próprio nome revela, é aquela que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não consegue lidar com eficiência. Tal vítima possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou responder quando é atacada ou insultada, mas, via de regra, sem efeito algum. Geralmente é hiperativa, inquieta, dispersiva, ofensiva, mas tola, imatura, de costumes irritantes e quase sempre responsáveis por causar tensões no ambiente em que se encontra, sobretudo, no escolar.

O terceiro tipo de vítima, a chamada agressora, caracteriza-se principalmente por produzir os maus tratos sofridos, pelo fato de ter vivenciado situações de sofrimento, especificamente na escola, e tende a buscar indivíduos mais frágeis para poder transformá-los em bodes expiatórios, provavelmente como forma de compensação dos maus tratos sofridos. Essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o bullying se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

É importante ressaltar a existência dos espectadores ou testemunhas que também figuram como personagens de tal fenômeno. Mas é bom que se diga que, assim o são chamado, porque assistem à prática da violência e não se manifestam, nem para interferir na defesa da vítima, e nem para denunciar o feito, ou melhor, pelo mal feito, por medo de ser a próxima vítima, simplesmente se mantêm inertes. De acordo com Chalita (2008, p, 22)os espectadores [...] “aprendem a ser omissos e passivos para se defender” assim, [...] “o medo em delatar o agressor ou defender a vítima, pode transformá-los na vida adulta em cidadãos egoístas, que aceitam e até mesmo legitimam as injustiças sociais”.

### **2.3 Identificando os envolvidos no bullying**

Considerando que uma das características de maior relevância da conduta bullying é a violência velada, faz-se necessário, tanto por parte da escola quanto dos pais, ficarem atentos a qualquer modificação, por menor que seja, em relação ao comportamento da criança, observando, por exemplo, se é frequente atribuir apelidos pejorativos, sobretudo no ambiente escolar, uma vez que a prática do bullying se concentra basicamente entre a humilhação ou opressão e intimidação das pessoas que geralmente são passivas e demonstram certa incapacidade para se defender.

É preciso também observar se tal agressão ocorre de maneira repetitiva e entre os pares, ou seja, entre os colegas de classe. Todavia os conflitos entre professor e aluno, discussões ou brigas pontuais entre colegas, do tipo desentendimento com seu amigo de vez em quando, discussão por causa de uma brincadeira, ou deixar de falar com um(a) amigo(a) por alguns dias, não pode ser interpretada como bullying.

Mas a prática do bullying não se resume a apelidos, xingamentos, discussões, etc, passa também por agressões de caráter físico, trazendo transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis a vida da vítima, que em alguns casos podem levar a atitudes extremas, como o suicídio.

Diante das atitudes inaceitáveis dos bullies e das consequências indesejáveis para os sujeitos envolvidos no fenômeno bullying, cabe, então, à família e à escola, na condição de instituição responsável pela informação e formação dos indivíduos, abraçar coletivamente esse problema, até porque família e escola são instituições sociais com papéis e compromissos diferenciados, mas se aproximam em sua finalidade educativa e formadora.

## **2.4 Consequências psíquicas e comportamentais do bullying**

Geralmente os bullies escolhem a vítima que se encontra em fraca desigualdade de poder por apresentar, quase sempre, uma baixa autoestima. Então a prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais além de outros agravantes como transtorno do pânico, fobia social e escolar.

O transtorno do pânico é caracterizado pelo medo intenso e infundado, que parece surgir do nada, sem qualquer aviso prévio de tal modo que de repente o indivíduo é tomado

por uma sensação enorme de medo e ansiedade, acompanhada de uma série de sintomas físicos (taquicardia, calafrios, boca seca, suores etc.) já a fobia social, conhecida por timidez patológica, ansiedade excessiva e persistente.

O sujeito demonstra atitudes contraditórias uma vez que se de um lado almeja se sentir o centro das atenções por outro, tem a sensação de estar sendo julgado e avaliado negativamente, enquanto que a escolar se caracteriza pelo medo de frequentar a escola, ocasionando repetências, faltas, problemas de aprendizagem e /ou evasão escolar.

Fante(2005)afirma que as consequências da prática do bullying afetam todos os protagonistas do fenômeno, acarretando problemas físicos e emocionais de curto e longo prazo. Oportuno mencionar que tais consequências podem se estender trazendo prejuízos no futuro, como por exemplo, nas relações de trabalho, na constituição da família e na posterior criação dos filhos.Na infância, por exemplo, o bullying pode desencadear na vitima uma condição psíquica caracterizada por “explosões de cólera e episódios transitórios de paranoia ou psicose, comprometendo a regulagem da emoção e da memória”(FANTE, 2005, p.80).

Levando em consideração a intensidade de absorção do sofrimento vivenciado pela vítima em decorrência da conduta bullying, ela estará propensa a manifestar reações intrapsíquicas e extrapsíquicas, apresentando sintomas de natureza psicossomática, tais como [...] enurese, taquicardia, sudorese, insônia, cefaleia, pensamentos de vingança e suicídio”(FANTE,2005, p. 80), bem como reações expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade abuso de substâncias químicas.

Vale salientar que o fato da criança não conseguir superar os traumas obtidos pelas agressões sofridas pode “acarretar problemas no desenvolvimento psíquico e comportamental, gerando insegurança e dificuldade em se relacionar com o outro”(SILVA, 2010, p.63 ).E ainda pode desencadear no processo educacional, alguns aspectos negativos, como [...] “queda do rendimento escolar, falta de interesse pelos estudos, absentismo, déficit de concentração e de aprendizagem, reprovação e evasão escolar”(SILVA, 2010 , p.38).

O agressor, em contrapartida, poderá desenvolver condutas antissociais e comportamentos delinquentes, quais sejam: agregação a grupos delinquentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida.

Os expectadores ou testemunhas, caracterizados como aqueles que assistem à prática das agressões e não se manifestam, também sofrem com as consequências, mesmo que indiretamente, pois a prática do bullying, sobretudo se ocorrer no ambiente escolar “faz com que o aluno não tenha o direito a uma escola segura, solidária e saudável, o que irá prejudicar as relações sociais no decorrer da sua vida” (FANTE, 2005, p.81).

No quadro a seguir apresentamos as formas, manifestação e características dos sujeitos envolvidos no bullying de forma sintética para melhor visualização.

**Quadro 1: Formas, Manifestação e Características dos sujeitos envolvidos no bullying**

FORMAS	MANIFESTAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS NO BULLYING		
		Alvos	Autores	Alvos/Autores
Verbal	Insultos Ofensas, Xingamentos, Gozações, Apelidos pejorativos, Piadas ofensivas, Zoar etc.;	Pouco sociável; Inseguro; Baixa autoestima; Desacreditado por ele mesmo	Situações e condições familiares adversas;	São depressivos, inseguros e inoportunos; Procuram humilhar os colegas para esconder suas limitações.
Físico e material	Esconde pertences pessoal ou mesmo escolar; Espancamento; Furtos e destruição; Empurrão		Aceitação por parte dos pais;	
Psicológico e Moral	Humilhação; Difamação; Desenhos de caráter ofensivo; Constra- ngimentos;		Vítima de maus tratos dos pais ou responsáveis;  Hiperatividade;	
Sexual	Abuso sexual; Assédios. etc.		Impulsividade,  Desempenho escolar deficiente e  Dificuldade de atenção.	

A verdade é que o bullying, qualquer que seja a forma de manifestação, traz implicações extremamente desagradáveis para a vítima, para o agressor, para a família e geralmente respingana escola. Nesse sentido a família exerce papel fundamental no desenvolvimento da personalidade do ser humano. A família pode ser considerada o centro da vida, pois é por meio dela que se nasce para o mundo e como tal exerce papel fundamental no desenvolvimento da personalidade do ser humano, uma vez que é nela e por ela que crianças, jovens e adultos aprendem a se relacionar com outras pessoas, a amar, a respeitar e a interagir com os demais membros da família – pai, mãe, irmãos, tios, primos, avós e outros.

Com a família aprendemos, também, os princípios éticos que influenciarão nossas atitudes frente à sociedade na qual estamos inseridos, ou seja, é na família que aprendemos os sistemas fundamentais de valores. Mesmo que esses valores possam vir a ser modificados ou até mesmo negados devido às interferências do mundo social, de novas realidades históricas que vão produzindo novas subjetividades, não podemos negar que foi a família que plantou os alicerces da ética, da moral e dos valores nos formativos de vida do indivíduo. Por tudo isso vale a pena lembrar que a família do século XXI vem resistindo às ameaças de uma instituição em declínio, como pensam os pessimistas/moralistas, mas de fato ela está buscando corajosamente adaptar-se às novas condições colocadas pela sociedade contemporânea.

Cabe então à escola prover os indivíduos não só, nem principalmente, de conhecimentos, ideias, habilidades e capacidades formais, mas também de disposições, atitudes, interesses e pautas de comportamento e ter como objetivo básico a socialização dos alunos preparando-os “para sua incorporação no mundo do trabalho como indivíduos produtivos” [...] para “que se incorporem à vida adulta e pública como cidadãos” (SACRISTÁN e PÉREZ GÓMEZ, 2003, p. 15). Encontramos essa ideia também na Constituição Federal de 1988 e reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN/96, quando estabelece que a escola tenha como objetivo básico promover o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o trabalho.

Diante disso ela tem um papel fundamental no sentido de orientar os alunos para o cumprimento dos deveres e as responsabilidades, visando à formação de indivíduos capazes de tomar decisões autônomas, e, preferencialmente, aceitáveis. A escola cumpre essa tarefa por

meio da transmissão de conhecimentos sistematizados que favoreçam o desenvolvimento e a participação ativa do educando no contexto social e escolar.

Em consonância com tal ideia, e em face da prática do Bullying escolar, Dan Olweus(1993, citado por CLÉO FANTE, 2005 p.74,) elenca alguns comportamentos que devem ser observados para que a vítima e o agressor sejam identificados.

Comportamento da vítima na escola:

- Durante o recreio se está frequentemente isolado e separado do grupo, ou se procura ficar próximo do professor ou de algum adulto;
- Na sala de aula se tem dificuldade em falar diante dos demais, mostrando-se inseguro e ansioso;
- Nos jogos em equipe se é o último a ser escolhido;
- Apresenta-se comumente com aspecto contrariado, triste, deprimido ou aflito;
- Apresenta-seleixo gradual nas tarefas escolares;
- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural;
- Falta às aulas com certa frequência (absentismo);
- Perde constantemente os seus pertences.

Isso exige da escola um olhar mais cuidadoso acerca das atitudes e comportamentos dos alunos, e que pela forma como se revelam são facilmente percebidas. Talvez o maior desafio na identidade dos atores dessa triste “peça” chamada bullying seja distinguir os agressores que podem ser dissuadidos desse papel e transformados em guerreiros contra a violência escolar daqueles que já exibem, desde muito cedo, é tal qual separar o joio do trigo.

Dessa forma, torna-se possível elaborar estratégias escolares e sociais que possuem ajudar a recuperar os jovens que se comportam de maneira agressiva, em função de circunstâncias desfavoráveis nas quais estejam envolvidos lares desestruturados, doenças familiares graves, pais excessivamente permissivos etc. Segundo Silva (2010, p.52) “tais jovens, mesmo com atitudes incorretas merecem nossa ajuda e precisam dela, pois sofrem com seus atos e suas respectivas consequências”.

Os agressores com traços genuinamente perversos podem ser identificados, ainda precocemente, por meio de um histórico de vida de condutas, como as exemplificadas a seguir:

- Mentir constantes, em diversos ambientes e situações;
- Comportamento desafiador diante das figuras de autoridade, com os pais e professores;
- Uso precoce de drogas;
- Atos de vandalismos, com destruição do patrimônio público e alheio;
- Fugas da escola ou de casa;

Especialistas no assunto com destaque para os citados nesse texto alertam que a ausência de limites e o excesso de mimos pode fazer com que a criança fique chata, egoísta, agressiva ou, ainda que não se adapte e não consiga seguir as regras básicas de convivência em grupo. Os pais também precisam analisar suas práticas diante dos filhos, fazendo reflexões sobre suas próprias condutas em relação à criação dos filhos, sobre o modelo de educação familiar, pois, para Fante (2005, p.76):

Nem sempre os pais se dão conta de que, certos comportamentos que o filho manifesta, são aprendidos em casa, como resultado do tipo de interação entre familiares que é percebido por ele; muito menos procuram checar e refletir se o que o filho está realmente aprendendo tem relação com aquilo que “eles pensam” que está sendo ensinado.

Por isso a importância do acompanhamento do filho incentivando, corrigindo algo necessário no dia a dia, em casa, na escola na vida diária, estimulando-o para a vida escolar. Assim, observando o próprio filho, os pais podem detectar sinais de vitimização, do tipo desleixo gradual nas atividades escolares, desculpas para falar das aulas, mudança de humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritações, se raramente possui amigos, ou possui pelo menos um amigo para compartilhar seu tempo livre e pede dinheiro extra à família ou furta. No caso do agressor observar certos indícios que lhe são peculiares, por exemplo, voltar da escola com as roupas amarradas e com ar de superioridade; apresentar atitude hostil, desafiadora e agressiva com os pais e irmãos, chegando a ponto de atemorizá-los sem levar em conta a idade ou diferença da força física e portar objetos ou dinheiro sem justificar sua origem.

Diante disso os pais devem ficar atentos ao comportamento do filho abrindo espaço para o diálogo de modo que possa estimulá-lo a contar o que lhe ocorre na escola, de maneira franca e aberta. Em caso de suspeitas do bullying escolar não devem tomar nenhuma atitude contra o agressor, pois o melhor é comunicar a instituição de ensino para que possa tomar as devidas providências. Caso não tenha resposta satisfatória por parte da direção da escola, a solução será procurar o Conselho Tutelar, que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu artigo 232, prevê pena para quem “submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou constrangimento”. No caso de crime ser cometido por criança menor de 12 anos, o Conselho Tutelar tem a função de chamar atenção dos pais e da criança. Se o autor for maior de 12 anos, o caso poderá ser levado à justiça e o juiz determinará se a punição consistirá em advertências ou em prestação de serviço à comunidade.

### **3 O BULLYING NO COTIDIANO ESCOLAR**

A violência é antiga e parece ser mesmo congênita na trajetória do homem sobre a terra se considerarmos que o homem sempre praticou e foi alvo de violência. Diversas são as formas de manifestações da violência, e a cada dia que passa, vem adquirindo muita importância em toda sociedade.

No espaço escolar, por exemplo, a violência tem se manifestado frequentemente sob a forma de bullying. Embora não seja um fenômeno novo, mas é um assunto recorrente na escola como também as queixas de modo que tem preocupado tanto os pais quanto os educadores, devido se diferenciar daquela observada em décadas anteriores, apresentando-se com expressões diferentes. Podemos dizer que é mais complexo e parece ser, para os educadores, mais difícil de equacioná-lo e resolvê-lo de modo efetivo.

A percepção dessa mudança permite que os alunos respondam a essa ausência de medidas, de forma desafiadora, tornando o espaço escolar um centro de espanto, tanto para os professores, quanto para os funcionários, cuja formação sempre esteve ancorada sob a exigência ao respeito e às normas no âmbito escolar. Parece-nos que essas normas não estão sendo devidamente absorvidas pelos alunos, a tal ponto que a escola como espaço educador que prima pelos preceitos de disciplina não são eficazes.

As normas sociais não estão sendo seguidas como elemento essencial no ambiente escolar, tão necessária para que haja a socialização e humanização desses jovens. O desgaste e a superficialidades dessas regras são tão evidentes que não estão sendo aprendidas e condicionadas pelos jovens, talvez pela grande evidência e valorização do consumo, comportamento este que está arraigado a toda e qualquer relação social, apenas por esse único valor.

A escola contemporânea demonstra ser um mundo diferenciado de outros mundos da sociedade, em que os direitos sociais, tão presentes em vários institutos jurídicos, como a Constituição Federal e o próprio Estatuto da Criança e do Adolescente parecem ter perdido a sua essência, ou, se não perdeu, se apresenta com aspectos bem controversos, principalmente no que tange às sanções, que quase não são aplicadas, fazendo com que se chegue a comportamentos negativos desenfreados.

É comum encontrarmos na sociedade atual e em muitas escolas crianças e adolescentes que se isolam em um mundo totalmente deles, fechados a tudo e a todos, muitos deles enfrentando problemas como a pobreza extrema, o uso de drogas, a exploração juvenil, a violência, e por isso, despreparados e desorientados para se conectarem ao mundo socialmente. Essa situação pode ser agravada se a família que é a base da formação humana, não for parceira da escola, porque o enfrentamento dos problemas relacionados ao comportamento e atitudes desses jovens principalmente no que diz respeito ao bullying extrapola as dimensões próprias da escola.

É bem verdade que a própria evolução da sociedade contribui direta ou indiretamente para as mudanças no comportamento das crianças e jovens com reflexos negativos no espaço escolar, talvez em decorrência dos aspectos econômicos, que as levaram, principalmente a escola, para uma vertente diferente da que era esperada pela proposta pedagógica democrática, de maneira tal que hoje ela busca mais a formação para o mercado de trabalho do que essencialmente para as premissas educacionais. Ou seja, a escola não vem conseguindo preparar o jovem para viver na sociedade, de modo que a respeitar os valores familiares, os preceitos instituídos nos arcabouços sociais, princípios estes tão questionados, impostos e cobrados pela própria escola. A crise pela qual a escola passa é tamanha, que vem exigindo uma nova configuração, mas salta aos olhos indícios de que ela está falhando em sua reformulação e que vem, reiteradamente, sendo colocado em foco seu papel social.

Em função disso observamos e, em particular, sobre o bullying que enorme é a barreira que a escola tem de enfrentar para aceitação das regras sociais, tão necessárias para que haja a socialização e humanização desses jovens. O desgaste e a superficialidade dessas regras são tão evidentes que não estão sendo aprendidas e condicionadas pelos jovens, talvez pela grande evidência e valorização do consumo, comportamento este que está arraigado a toda e qualquer relação social. Os pais quase sempre estão ensinando aos filhos o valor e a importância do bem material, da riqueza e de que consumir é o que determina o status na sociedade e outra conduta contrária a esses interesses pode levá-los ao fracasso social. O mesmo ocorre com outros valores, que também estão à mercê dessa equação social, tais como os preceitos de beleza, de força física, de estatura, de popularidade, de gênero, de inteligência e esperteza.

A escola tem se revelado impotente para modificar essa estrutura de socialização de tal modo que os jovens, na maioria das vezes, se comportam de forma agressiva, com atitudes totalmente reprováveis ao convívio em sociedade, a exemplo de reagir com mordidas, batendo, roubando, agredindo, fazendo intimidações, agindo com desrespeito, atitudes estas que por vezes podem se manifestar como bullying e vivenciadas no contexto escolar. Possivelmente em decorrência disso por muito tempo o bullying escolar não foi visto como um problema social e sim como uma atitude particular de determinados alunos que reagem à disciplina escolar.

Mas diante da gravidade e dos resultados de certos comportamentos agressivos, gradativamente o *bullying* começa a ser reconhecido, pelos seus aspectos e distorções aos parâmetros da normalidade das condutas pré-determinadas pela nossa sociedade, como um problema social e a partir daí surgiram muitas discussões acerca de políticas que permitam combater esse tipo de comportamento negativo no âmbito escolar. Políticas que inserem no seu projeto de ressocialização a elaboração de regras mais concretas e severas de disciplina escolar, chegando até mesmo à abordagem do assunto com os alunos, pais, corpo docente, funcionários e a sociedade como um todo. Nada mais justo, pois o bullying como um problema social traz em seu bojo a exclusão e a intolerância ao outro. É uma prática comportamental negativa de tal forma que enseja que a pessoa estigmatizada seja discriminada do grupo, e o estigma, é visto como algo impertinente ao grupo e que nem todos os estigmatizados conseguem libertar-se do grupo, fazendo com que haja atos rotineiros de interiorização daquela pessoa.

Apesar disso, e por diversos motivos, os fatos que envolvem agressão são muitas vezes omisso e o que surpreende é que o bullying não é visto como uma prática frequente, não porque isto não aconteça, mas porque a escola, muitas vezes procura isolar o problema da sociedade. Quando há uma tentativa de resolução do conflito na maioria das vezes é feita por um profissional ligado à psicologia, caso a escola, principalmente a pública, conte com esse profissional. Porém, o que chama a atenção é que, quando se tenta resolver um conflito com essa complexidade social, se faz simplesmente pela conversa individual.

Não estamos com isso negando o potencial educativo do diálogo, mas sim questionando o fato de que uma prática tão negativa que tem como elemento principal o banimento do outro de suas relações sociais, tendo como suporte principal os valores discriminatórios, não se buscam outras estratégias pedagógicas, políticas e até jurídicas adequadas à situação para resolução do conflito. Ou seja, o bullying não pode ser visto como um acordo, não há aqui um produto a ser barganhado, mas são jovens envolvidos num processo discriminatório, agindo com violência, cuja pretensão é a de diminuir o outro. Esse tipo de comportamentos não podem ser vistos como condutas aceitáveis pela sociedade.

Podemos afirmar que um dos maiores problemas das escolas seja atribuir ao processo educacional uma perspectiva teudista e que como alerta Freire (1987, p.62) o mero cumprimento de “conhecimentos bancários sem haver uma proposta de humanização quanto à aplicabilidade dos conceitos sociais instruídos no ambiente escolar”. Assim os valores morais estão sendo deixados de lado em decorrência da supervalorização de um ensino voltado para o mercado de trabalho. Nessa concepção falta a socialização aliada ao diálogo, sem perder de vista sua condição de instituição disciplinadora, cabendo-lhe impor sanções que sejam adequadas ao caso.

Não importa se haverá a resistência, mas é necessário gerar a socialização, impedir o comportamento onipotente e individualista do ofensor, permitindo-o chegar até o outro, de maneira a considerá-lo como membro da sociedade, que tem seus direitos resguardados para viver nela livremente. Para tanto é preciso provocar a presença e a participação de outras instituições como a família e o Estado. A participação desses institutos na administração da educação e dos direitos adquiridos está previsto na Constituição Federal/88, no seu Art. 205, quando estabelece “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”(p.32).

Embora com ressalvas de muitos educadores, dentre eles nos incluímos, que defendem que quando o bullying ocorrer na esfera escolar deve ser resolvido pela instituição, não podemos negar a contribuição da atuação do Estado de políticas públicas, que agiriam de forma reguladora na intervenção direta para a solução de conflitos, desde que os meios mais comuns de intervenção para a solução dos conflitos, como família e a escola, não surtirem o resultado esperado e que somente com atuação do Ministério Público e do poder judiciário, com a devida aplicabilidade da lei, conseguiriam lograr êxito com ações, sejam punitivas ou socioeducativas, visto que as consequências do *bullying* para as vítimas levam-nas a problemas sociais, psicológicos, como por exemplo, chegarem ao extremo de cometerem suicídio ou mesmo homicídio de seus *bullers*.

Enfim, entendemos que o caminho a ser buscado para o enfrentamento do bullying escolar poderá ser a adoção de medidas que estimulem as denúncias da prática, deem o devido apoio às vítimas e testemunhas, estimulem os pais, professores, população partícipes da proposta de promover a socialização da criança na escola, tornando evidente para ela a importância de se viver em uma sociedade democrática e pluralista, elencando valores que permitam impedir a discriminação, o racismo, o desrespeito, numa proposta pedagógica de integração social.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não é demais pensar que certas heranças históricas de diversas formas de violência, no caso o bullying, certamente serão transmitidas por nós às próximas gerações, mas com a intenção de minimizá-las. Para tanto é mister se fazer uma análise acerca da situação, tanto do sistema escolar quanto de suas relações com as instituições sociais públicas e privadas do seu entorno, visando a integração e articulação dos diferentes setores envolvidos, diagnosticando os agentes gerais e específicos de cada contexto.

Certamente esse diagnóstico nos fornecera subsídios para o desenvolvimento de um bom convívio social. Nesse sentido é preciso fazer consultas, mediar os conflitos por intermédio dos Conselhos de Classe, Conselhos de Escola, nos quais a comunidade escola esta representada, pela equipe pedagógica e gestora, professores, alunos, funcionários e pais e

outros representantes da comunidade que estão presentes com direito a voz e, em muitos casos, até a voto.

De modo geral a literatura consultada mostrou que apesar de o bullying ser um problema antigo e vindo crescendo assustadoramente, é preciso trazê-lo para a escola por meio da formação dos professores, haja vista que tanto o reconhecimento quanto a omissão de denunciar a prática de bullying é ainda um grande entrave para seu enfrentamento. Isso acontece porque essa conduta aparentemente não aceitável no âmbito escolar, não é totalmente desestimulada pelos que estão em volta. Assim, o fato de o bullying ainda não merecer a notoriedade necessária não exclui a responsabilidade de a escola em parceria com a família se pensar em políticas educacionais com respaldos constitucionais e sociais que possam atuar numa vertente anti-bullying.

### **ABSTRACT**

Human beings always had and was the target of violence, so that became a by-product of development models, whose roots can be sought in history. So reflect on bullying is to think the person at any time of his life, considering the social organization of society, the family, the school, in trying to understand the place of the subject in such spaces, the way of life of each, at last It is to think their identities historically. For the achievement of the desired goal, there was a reflective analysis, which had as a methodological reference the literature and included the theoretical contribution as Fante (2005), Silva (2010), Chalita (2008) and Sacristán Gómez ( 2003), among others, addressing the source, the subjects involved, the forms, manifestations and consequences of bullying, and the reflection on the phenomenon practiced in the school context, systematizing knowledge, which is essential for teachers, other school staff and the family that directly or indirectly deal with school bullying.

**KEYWORDS:** Violence, Bullying, School, Family.

## REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e à Adolescência. **Dados Estatísticos da violência doméstica contra criança e adolescente**. Rio de Janeiro, 2004.

ARENDRT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ASSIS, Simone Gonçalves de, AVANCI, Joviana Quintes, CONSTANTINO, Patrícia (orgs.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / FIOCRUZ, 2010.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Rideel, 1990.

BRASIL, **Lei n. 9.394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996

CHALITA, Gabriel. Amizade-uma atitude que protege. In: **Pedagogia da amizade**. São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

\_\_\_\_\_.& PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. *O Bullying: problema individual e social que invade as escolas brasileiras*. Disponível em: [www.facevv.edu.br/.../O%20FENÔMENO%20BULLYING%20NO%20](http://www.facevv.edu.br/.../O%20FENÔMENO%20BULLYING%20NO%20). Acesso em: 25 de junho de 2015

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5): 164-172, 2005.

MACHADO, Martha de Toledo. **A proteção constitucional de crianças e adolescentes e os direitos humanos**. Barueri, SP. Manole, 2003.

MELO, Josevaldo. **Casos de Bullying no mundo e no Brasil**. In: Bullying na escola. Recife: EDUPE, 2010.

MINAYO M. C. de S *et al.* (org.). **Fala, galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NETO, Aramis Lopes, SAAVEDR Lúcia Helena. **Diga não para o bullying** - Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: [www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-100.pdf](http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-100.pdf). Acesso em:

SACRISTÁN, J. Gimeno, GOMÉZ, A. I. Pérez. **As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência**. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001, pag. 32.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 188p

SIMMONS, Rachel. **Garota Fora do Jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

TEIXEIRA, Gustavo. **O que é o bullying**. In: Manual antibullying. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

ZAGURI, Tânia. **Limites sem trauma: construindo cidadãos**. 80ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.